

## Passagens sobre o moderno na cidade de Georg Simmel

FELIPE ZIOTTI NARITA \*

### Resumo

Este trabalho sugere alguns pontos para reflexão sobre o ensaio “As grandes cidades e a vida do espírito” (publicado em 1903), de Georg Simmel. Trata-se, fundamentalmente, de discutir as principais balizas teóricas e conceituais construídas pelo autor para refletir sobre a vida urbana, analisando, a partir das formas das interações sociais, as próprias especificidades da modernidade. Além do citado ensaio, este artigo discute as análises de Simmel à luz de alguns debates sociológicos de seu tempo, tomando como referência o conjunto mais amplo de seus trabalhos e interlocutores.

**Palavras-chave:** Georg Simmel; Sociologia; Modernidade; História; Ciências Sociais.

### Abstract

This paper discusses some aspects concerning the essay “The Metropolis and Mental Life”, published in 1903 by Georg Simmel. My purpose is to analyze the main theoretical structures proposed by Symmel in order to approach the urban life and the forms of social interaction in modernity. This article deals with Simmel’s analysis in relation to sociological debates of his time, discussing a wide range of his writings and his interlocutors as well.

**Key words:** Georg Simmel; Sociology; Modernity; History; Social Sciences.



\* FELIPE ZIOTTI NARITA é Professor Bolsista - Departamento de História - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais / UNESP. Doutorando em História - FCHS / UNESP.

As influências de Georg Simmel (1858-1918) nas discussões sobre a moderna vida urbana conquistaram espaço significativo na reflexão sociológica e nas Ciências Humanas em geral: nos Estados Unidos, por exemplo, suas obras despertaram muito interesse na sociologia, especialmente a partir dos trabalhos de Kurt Wolff (grande especialista das obras de Simmel e Mannheim) e da recepção junto à chamada “Escola de Chicago” (JAWORSKI, 1995) – muitos dos dilemas da urbanização norte-americana, por exemplo, encontraram importantes pistas nas reflexões de Simmel sobre uma sociologia do espaço e do moderno “fenômeno” urbano. Este trabalho tecerá alguns comentários sobre um dos mais celebrados textos de Simmel: trata-se do ensaio “As grandes cidades e a vida do espírito” (*Die Großstädte und das Geistesleben*, publicado em 1903,<sup>1</sup> baseado na fala exposta em uma conferência em Dresden).<sup>2</sup> Este breve estudo, portanto, propõe um pequeno “inventário” de conceitos e abordagens da sociologia de Simmel sobre o urbano, ensaiando algumas aproximações e matizes entre o ensaio de Simmel e o conjunto mais amplo de seus escritos e de parte da reflexão sociológica.



Georg Simmel

Escrevendo entre o fim do Oitocentos e as duas primeiras décadas do século XX, Simmel, intelectual com marcante formação filosófica,<sup>3</sup> situa-se no contexto dos “fundadores” da sociologia alemã, atuando de forma significativa na constituição das balizas teóricas e metodológicas para a compreensão das novas dinâmicas e relações sociais das “sociedades industriais” (DAHRENDORF, 1982). Conhecido pela escrita “ensaística” (apontando um estilo quase aforístico, fragmentário), como assevera Leopoldo Waizbort (2000, p. 25), Simmel transforma a aventura em uma forma de pensar, tomando como objeto de análise os fatos mais diversos e inusitados (moda, espaço, comportamentos, prostituição, paisagem etc.) – nesse sentido, “a mobilidade do espírito, marca da modernidade, assegura a todo fragmento do real [...] a possibilidade de ser tomado como objeto”.

A sociologia de Simmel, *grosso modo*, expressa um interesse fundamental pelo caráter relacional da vida e das ações sociais. Não se trata, portanto, de uma busca por “leis” na análise sociológica – Simmel enfatiza, antes, que o social é um conjunto contingente de interações, mediado por formas que compõem o

<sup>1</sup> Utilizarei como referência a ótima tradução de Leopoldo Waizbort, publicada na revista *Mana* (conforma indicação nas Referências Bibliográficas). Sempre que possível, a citada tradução será cotejada com a edição alemã.

<sup>2</sup> O acervo virtual do Instituto de Sociologia da Universidade de Zurique (Suíça) disponibiliza as obras completas de Simmel no original (tanto os textos em alemão quanto os escritos do autor em francês). Há algumas traduções em inglês. As edições originais utilizadas neste trabalho foram reproduzidas a partir das digitalizações disponibilizadas pela Universidade de Zurique. Eis o site: [http://socio.ch/sim/index\\_sim.htm](http://socio.ch/sim/index_sim.htm)

<sup>3</sup> Ponta crítica do kantismo e nome central na cultura filosófica alemã pós-Nietzsche, o autor, não à toa, possui textos muito significativos para a filosofia da história: além de estudos sobre Kant, compilados há alguns anos pela editora Suhrkamp sob o título *Kant: Die Probleme der Geschichtsphilosophie* (“Kant: Os problemas da filosofia da História”), Simmel possui outro texto central para a reflexão sobre a história – *Das Problem der historischen Zeit* (“O problema do tempo histórico”, originalmente publicado por círculos kantianos alemães em 1916 – sob supervisão de Ernst Cassirer).

arranjo dos indivíduos no conjunto maior da sociedade. Conforme sublinha Gabriel Cohn (1998), o grande *tour de force* da sociologia simmeliana reside na interrelação tecida entre as formas da interação social e os conteúdos que as preenchem, tornando a própria experiência social vivida como inteligível – uma sociologia preocupada com as “diferenças finas” que enredam a vida social, “seja no modo como as experiências se dão nas formas sociais que as condicionam, seja no modo como as formas sociais e culturais assimilam a diversidade das experiências que acolhem”. O conteúdo específico das “vivências” vincula-se, assim, aos processos socioculturais mais amplos da existência e da história. Já nos preâmbulos da “grande” *Soziologie*,<sup>4</sup> Simmel (1908) realçava, em uma densa reflexão teórica sobre o entendimento do “social”, a ideia de que a sociedade não deveria ser tomada como um monolito ou uma substância – tratava-se, antes, de fundamentar a análise sociológica no processo mais amplo da “sociação” (*Vergesellschaftung*), ou seja, das diversas formalizações da interação social mediadas por conteúdos (*Inhalt*) específicos. Para os interesses deste trabalho, convém destacar que a posição teórica de Simmel demarcava fundamentalmente dois grandes problemas epistemológicos para a investigação sociológica: o sociólogo Frederic Vandenberghe (1999, p. 64), nesse sentido, enfatiza que

A primeira área de problema é a “sociologia geral”, que estuda o todo da vida histórica na medida em que esta é constituída socialmente. A segunda área de problema é a

“sociologia pura ou formal”, que investiga as formas de associação que, em si mesmas, constroem a sociedade estruturando as interações entre indivíduos.<sup>5</sup>

A cidade grande (*Großstadt*) de Simmel, por assim dizer, encena os dramas do moderno: assistindo à explosão urbana e às novas formas de sociabilidade da *belle époque* europeia (as próprias vivências de Simmel em Berlim foram centrais para a elaboração do ensaio), a cidade seria o *locus* privilegiado para que temas clássicos da sociologia (como a manutenção das relações e laços sociais em grandes aglomerações, por exemplo) assumissem nova roupagem, tomando diretamente como pano de fundo as formas socioculturais dramatizadas pela vida urbana. Fundamentalmente, qual é o lugar do indivíduo (ou, como preferia o autor, das “individualidades da grande cidade” – *großstädtischer Individualitäten*) nas grandes aglomerações urbanas do início do século XX? Não à toa, a pedra de toque da argumentação de Simmel é justamente uma situação fundante da vida moderna: a situação do indivíduo (*Individuum*) e de sua autonomia (*Selbständigkeit*) no âmbito de uma existência (*Dasein*) intermediada pelo conjunto mais amplo da sociedade.

Retomando os séculos XVIII e XIX, Simmel (2005) preenche a temporalidade histórica com conteúdos específicos: se o Setecentos assistiu à formalização das liberdades individuais e dos problemas da “natureza” do homem (impossível não notar, aqui, os ecos de toda uma tradição Ilustrada...), o

<sup>4</sup> Os estudiosos da obra de Simmel comumente dividem a reflexão sociológica do autor entre a chamada “grande sociologia” (com a *Soziologie*, de 1908) e a “pequena sociologia” (as *Grundfragen der Soziologie*, de 1917).

<sup>5</sup> “The first problem area is ‘general sociology’: it studies the whole of historical life insofar as this is formed socially. The second problem area is ‘pure or formal sociology’: it investigates the forms of association that themselves make society by structuring the interactions between individuals” (tradução nossa).

mundo Oitocentista situava o indivíduo no interior do problema da divisão do trabalho nas sociedades modernas – enfatizando, assim, aquilo “que torna o singular incomparável e o mais indispensável possível, mas com isso o atrela mais estreitamente à complementação por todos os outros” (o debate, aqui, parece implicitamente afinado com toda a tradição sociológica “clássica” e o problema político do socialismo/comunismo).

Simmel, contudo, aponta uma abordagem para driblar este nível puro de abstração: a ideia é analisar a formalização histórica das vivências modernas através de uma indagação sobre a “interioridade” (*Innerlichkeit*) que assinala os processos pelos quais o indivíduo resiste contra sua plena absorção pelos mecanismos técnicos e sociais desencadeados na vida moderna:

Onde os produtos da vida especificamente moderna são indagados acerca de sua interioridade; onde por assim dizer o corpo da cultura é indagado acerca de sua alma — como me parece ser atualmente o caso no que diz respeito às nossas grandes cidades —, a resposta precisa ser buscada na equalização promovida por tais formações entre os conteúdos individuais e supra-individuais da vida, nas adaptações da personalidade, mediante as quais ela se conforma com as potências que lhe são exteriores (SIMMEL, 2005, p. 577).

De partida, Simmel assinala que o homem é um “ser de diferença” (*Unterschiedswesen*), cuja consciência (*Bewußtsein*) é estimulada mediante a troca e a interiorização de impressões do meio social externo. Para Simmel, é a própria estruturação da “individualidade” moderna que está em jogo. Nesse sentido,

As impressões persistentes, a insignificância de suas diferenças, a regularidade habitual de seu transcurso e de suas oposições exigem por assim dizer menos consciência do que a rápida concentração de imagens em mudança, o intervalo ríspido no interior daquilo que se compreende com um olhar, o caráter inesperado das impressões que se impõem (SIMMEL, 2005, p. 578).

Embora tratadas *en passant* por Simmel, essas breves premissas fisiológicas e psicológicas sobre a vida na cidade moderna conduzem a uma abordagem que pretende realçar os processos sociais subjacentes à própria intensificação (*Steigerung*) da atividade nervosa nas grandes cidades. Espaço do passageiro e do efêmero, bombardeando o entendimento com a alternância rápida de impressões internas e externas (informações, luzes, falas, rostos, expressões etc.), a cidade formaliza a experiência do moderno por meio de imagens sensíveis e espirituais da vida (*sinnlich-geistiges Lebensbilde*). Simmel (2005, p. 578), portanto, considera que

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas — a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social —, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no *quantum* da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida.

A multiplicidade de estímulos contorna a própria identidade do indivíduo no

conjunto social. Não à toa, os trabalhos contemporâneos do francês Gérôme Truc (2005), por exemplo, buscam entender uma “microsociologia da alteridade” na obra de Simmel, enfatizando as contribuições teóricas do autor alemão na temática sociológica do “cosmopolitismo”. A diversidade dos processos de identificação na moderna vida urbana coloca a própria individualidade em uma situação de diferença e de pluralidade consigo mesma. Não há “padrões” sociais previamente determinados, nem qualquer forma de determinismo no social: há uma intrincada interação de forma que, mescladas com os conteúdos das ações, permitem que as interações sociais construam processos simultâneos de identificação. Nesse sentido, podemos considerar, com G. Truc (2005, p. 53), que

[...] cada homem é um ser social, dotado de um papel e de um estatuto particular; mas cada homem é também “algo além” [...] O indivíduo não se resume àquilo que ele é; ele não pode ser inteiramente subsumido sob uma única categoria social. Suas pertencas sociais não são apenas múltiplas – de modo que, quanto mais numerosas são estas, mais a combinação que elas constituem forma uma individualidade totalmente singular e distinta de toda outra.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> “[...] chaque homme est un être social, doté d’un rôle et d’un statut particulier, mais il est aussi toujours «autre chose en plus» [...] L’individu ne se résume pas à ce qu’il est, il ne peut être entièrement subsumé sous une unique catégorie sociale. Non seulement ces appartenances sociales sont multiples - de sorte que plus celles-ci sont nombreuses plus la combinaison qu’elles constituent forme une individualité totalement singulière et distincte de toute autre” (tradução nossa)

A interação social moderna, para Simmel, não é uma relação esquemática entre homens em sociedade. Ela diz respeito, também, ao próprio relacionamento entre o indivíduo e o espaço urbano, ou seja, as maneiras pelas quais as próprias formas de sociação adquirem significado na estrutura urbana. A cidade, em sua própria dimensão simbólica de ordenação do espaço (*Raum*), esquadrinha o jogo de interações sociais: nesse sentido, Simmel (1908) aborda, na *Soziologie*, uma teorização sociológica fundamental sobre o relacionamento entre os homens e o espaço, enfatizando alguns pontos para o entendimento da formação do espaço humano. Além da “exclusividade” (*Ausschließlichkeit*) sobre uma terra, o espaço ordenado permite a formação de uma “fronteira” (*Grenze*), articulação sociológica que delimita e confere unicidade aos grupos humanos – ou seja, não se trata de um fato geral com implicações sociológicas, mas de um “fato sociológico” que se forma espacialmente.<sup>7</sup> Nesse sentido, o espaço estabelece um princípio de “fixação” dos conteúdos das formas sociais em interação: locais de agrupamento, nomes de ruas, por exemplo, individualizam/particularizam os elementos (*einzelne Elemente*) do tecido social por meio de uma formalização de “conteúdos da vida” (*Lebensinhalt*).

No entrelaçamento entre o lugar e o conteúdo de sua fixação, o indivíduo constrói imagens/representações (*Vorstellung*) sobre a experiência social da interação, vinculada a uma fixação: a ordem da cidade moderna, a bem da verdade, é a composição de um espaço

---

<sup>7</sup> Justamente no contexto de uma teorização sobre o espaço e a “espacialidade” das formações humanas, Simmel dedica alguma atenção para reflexões interessantíssimas sobre o nomadismo e os estrangeiros.

descontínuo, de modo que as próprias formas de mobilidade e de trânsito no sítio urbano (avenidas, transporte público, ruas etc.) propiciam contatos e interações constantes, independentes por exemplo de qualquer vínculo de parentesco ou de localidade. A vivência do moderno nas grandes cidades implica a experiência da própria contingência nas interações sociais: Michael Makropoulos (1998), aliás, seguindo algumas pistas da sociologia simmeliana, identifica o moderno à formação de uma “cultura de contingência” (*Kontingenzkultur*) – processo sem qualquer finalidade (teleologia) previamente delimitada, a contingência da vida moderna implica a constante atualização de suas próprias possibilidades, escancarando um “horizonte de expectativas” (*Erwartungshorizont*) sempre múltiplo e reordenado pelas dinâmicas das vivências nas grandes cidades. Especialmente no ambiente urbano, portanto, o indivíduo é estimulado pela multiplicidade de interações da vida moderna. Leopoldo Waizbort (2000, p. 323), nesse sentido, argumenta que

As condições de vida na cidade grande e modera criam condições que e necessidades específicas de sensibilidade e comportamento. Os modernos vêem muitas imagens, são bombardeados, ao colocarem os pés para fora de casa, com o fluxo enorme das imagens (cabará à televisão trazê-las para o interior). Mas a sua capacidade de atribuir sentido a elas não acompanha a velocidade com que se apresentam à consciência. O modo de experiência da realidade que está então em jogo é radicalmente distinto.

O vórtice de imagens e informações constrói modalidades de experiência-vivência que deslumbraram os principais “críticos culturais” da modernidade. Walter Benjamin (2006,

p. 179), por exemplo, buscava o lugar do indivíduo (no caso, o *flâneur*) nas andanças pela Paris de Baudelaire. Além da própria experiência visual da vida urbana, as novas formas de interação entre o indivíduo e o coletivo implicavam que aquele buscasse seu “asilo” junto à massa (*Menge*) – através da qual ele pode perceber a “cidade vivida” (*gewohnte Stadt*) como fantasmagoria: abordagem que permitira ao autor traçar uma crítica à comunicabilidade e à própria narração modernas. Leopoldo Waizbort, nesse sentido, propõe um sugestivo paralelo entre Benjamin e Simmel: se este afirma que nas cidades grandes vemos muito e ouvimos pouco, a cidade torna-se o próprio lugar do esquecimento – uma perda qualitativa da própria experiência, já que esta fundamenta-se na possibilidade de rememoração (ligada, sobretudo, ao ouvir, à oralidade e à fala). O moderno constrói-se como o tempo e o lugar do esquecimento:

A decorrência disso é que o moderno vive apenas e sobretudo o presente, ele é um aventureiro. A aceleração da velocidade da vida na cidade grande é tamanha, que o moderno não tem tempo para parar; tudo transcorre tão rapidamente que ele só pode viver aquele momento, e o que passou está perdido. O moderno é indiferente ao passado e ao futuro (WAIZBORT, 2000, p. 331).

Para Simmel (que, aliás, influenciou diretamente as reflexões de Benjamin), se o grande fluxo de contato entre os indivíduos possui implicações sensoriais primeiras (*sinnlich*), como o odor e o próprio reconhecimento pelo olhar, a própria formação urbana constitui a dimensão sociológica do afastamento e da proximidade entre os indivíduos. A temática da cidade moderna, portanto, situa-se quase como um esforço de

“microanálise”, permitindo que o sociólogo identifique em uma formação econômica e sociocultural específica (o “fenômeno” urbano moderno) as mediações mais “concretas” das sociações e interações. Nesse sentido, Simmel (2005, p. 579) estabelece um rico entrelaçamento entre as formas de sociação e o substrato material da vida urbana:

A cidade grande moderna [...] alimenta-se quase que completamente da produção para o mercado, isto é, para fregueses completamente desconhecidos, que nunca se encontrarão cara a cara com os verdadeiros produtores. Com isso, o interesse das duas partes ganha uma objetividade impiedosa, seus egoísmos econômicos, que calculam com o entendimento, não têm a temer nenhuma dispersão devida aos imponderáveis das relações pessoais. E isso está, evidentemente, em uma interação tão estreita com a economia monetária — que domina nas grandes cidades e desaloja os últimos restos da produção própria e da troca imediata de mercadorias e que reduz dia a dia o trabalho para o cliente —, que ninguém saberia dizer se é inicialmente aquela constituição intelectualista, anímica, que impulsiona rumo à economia monetária, ou se é esta o fator determinante daquela.

A temática do dinheiro, a bem da verdade, ganharia ampla dimensão em outro conhecido trabalho do autor (*Philosophie des Geldes*, obra publicada em 1900), de modo que, neste breve trabalho, convém apenas circunscrever o tema diretamente na sociologia da vida urbana. O dinheiro sinaliza, por assim dizer, o amplo processo de racionalização da vida moderna: além de contabilizar/mensurar as relações e buscar uma univocidade nos acordos, a

moeda e as trocas modernas constroem “conteúdos da vida” vinculados à ampla intelectualização das interações sociais. Heitor Frúgoli Jr. (2007, p. 15), discutindo as análises de Simmel sobre a moderna vida urbana, aponta que

O dinheiro [...] é o signo por excelência da modernidade, equivalente universal que converte qualidade em quantidade, daí seu caráter indiferente, que ao mesmo tempo aproxima e afasta, alarga círculos sociais e os torna dele dependentes, circula sem parar e, ao mesmo tempo, é o ponto fixo em torno do qual homens e objetos orbitam continuamente. O dinheiro afina o entendimento e propicia o aplainamento de sentimentos, estabelecendo marca indelével do estilo de vida moderno: objetividade, exatidão, calculabilidade, pontualidade, praticidade e padronização.

Simmel (2005, p. 580), nesse sentido, afirma que “o espírito moderno tornou-se mais e mais um espírito contábil”. Trata-se, fundamentalmente, da afirmação de uma “cultura objetiva” (*objektive Kultur*) que se sobrepõe à ação do indivíduo, de modo que

Nas construções e instituições de ensino, nos milagres e confortos da técnica, que domina o espaço, nas formações da vida em comum e nas instituições visíveis do estado revela-se um espírito que se tornou tão impessoal, que se cristalizou em uma multiplicidade de tal modo imponente, que a personalidade, por assim dizer, não se pode contrapor a isso. Por um lado, a vida torna-se infinitamente mais fácil, na medida em que estímulos, interesses, preenchimentos de tempo e consciência se lhe oferecem de todos os lados e a sugam em uma corrente na qual ela praticamente prescinde de qualquer movimento para nadar. Mas, por outro lado, a

vida compõe-se cada vez mais desses conteúdos e programas impessoais, que pretendem recalcar as colorações verdadeiramente pessoais e o que é incomparável (SIMMEL, 2005, p. 588).

A partir dos estímulos, dos inúmeros contatos humanos, da existência de inúmeros interesses/atividades e do amplo processo de racionalização dos conteúdos da vida, o moderno é dramatizado na grande cidade. Influenciado pela tradição sociológica alemã nas análises do urbano (Weber e Simmel, especialmente), Louis Wirth (1938, p. 11), publicando no célebre *The American Journal of Sociology*, definia a cidade moderna como modeladora de uma “forma de vida” (*way of life*) a partir da heterogeneidade dos indivíduos e das vivências (alterações sobre o próprio caráter das relações sociais, portanto) que encontram nexos na densidade populacional do mundo urbano moderno. A multiplicação de pessoas em estado de interação, aliada às circunstâncias que impedem uma percepção completa da personalidade, constitui uma “segmentalização” (*segmentalization*) das relações humanas, transformando-as em vias meramente utilitárias para tarefas cada vez mais específicas na divisão do trabalho e ocupações da vida urbana (ou seja, um processo social, a um só tempo, marcado pela especialização e diversificação). Na moderna vida urbana, o indivíduo está contido na *multidão*.<sup>8</sup> Justamente por meio deste

<sup>8</sup> Nas considerações de Simmel sobre a vida moderna nas grandes cidades, o lugar das “multidões” é significativo – especialmente quando analisado à luz das discussões teóricas de seu tempo. Na impossibilidade de desdobrar o tema neste artigo, indico a leitura do texto de Christian Borch (2010), que propõe um instigante estudo comparativo entre importantes intelectuais *fin-de-siècle* como Simmel, Gabriel Tarde e Gustave Le Bon, enfatizando as diversas

todo, entrelaçado e intermediado pelas formalizações das experiências sociais e pelos conteúdos das vivências, Simmel entrevê a complexidade sociológica da *coexistência* na moderna vida urbana:

As relações e oportunidades do habitante típico da cidade grande costumam ser tão variadas e complicadas, e sobretudo: mediante a acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, suas relações e atividades engrenam um organismo tão complexo que, sem a mais exata pontualidade nas promessas e realizações, o todo se esfacelaria em um caos inextricável (SIMMEL, 2005, p. 580).

A abordagem, certamente, toca bem de perto o tema da “diferenciação”, clássico da sociologia com Marx e Durkheim. Ao passo que o argumento do primeiro derivava de uma divisão estrutural das formas materiais de reprodução da vida (“divisão social do trabalho” e propriedade) e as teses de Durkheim implicariam o pensamento da coesão social e das formas de solidariedade, em Simmel o problema da diferenciação está inscrito em uma ideia, por assim dizer, “vitalista” – ou seja, atenta aos fluxos que dinamizam as formas do social, enfatizando a vida social enredada pelo movimento e pelo contínuo vir-a-ser das coisas: nesse sentido, Scott Lash (2005, p. 535), em célebre artigo, considera o “vitalismo sociológico” simmeliano como uma “sociologia da vida” (*Lebenssoziologie*). A própria racionalização do tempo e das agendas, por exemplo, modelam uma estilização da própria vida (*Stil des Lebens*) – de modo que as formas de interação descortinam um processo social em que a ampla diferenciação nos interesses, ocupações, vestimentas (imagens que explodem aos olhos do

abordagens e perspectivas sobre o problema das “multidões”.

indivíduo nas grandes cidades) encontra eco nas formas de experimentação das vivências no todo social. A “diferenciação” social na cidade moderna repousa sobre uma formalização da própria multiplicidade das vivências e meios de interação. Além da efemeridade e da transitoriedade nos fluxos sociais e informacionais, o moderno significa uma relação de contingência radical.

A coação (*aufzwingen*) exercida pelas formas intelectualizantes da vida moderna (exatidão, pontualidade, contabilidade), aliás, desdobra-se em outra dimensão fundamental da grande cidade: o controle social sobre o tempo, com as técnicas e relações econômicas mediadas por uma dimensão temporal supra-subjetiva (*übersubjektives Zeitschema*): afinal, as interações da cidade moderna dependem integralmente de uma mediação regulada por uma mesma percepção do tempo. A situação do encontro (*Rendez-vous*), por exemplo, ganha espaço nas reflexões do autor: trata-se, para Simmel (1908, p. 477), de uma tensão sociológica justamente entre pontualidade/volatilidade do evento e sua capacidade de fixação espaço temporal na interação urbana.<sup>9</sup> Nesse sentido,

Se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma hora, toda a sua vida e tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo. A isto se acresce, de modo aparentemente ainda mais exterior, a grandeza das distâncias, que torna

toda espera e viagem perdida, uma perda de tempo insuportável. Assim, a técnica da vida na cidade grande não é concebível sem que todas as atividades e relações mútuas tenham sido ordenadas em um esquema temporal fixo e supra-subjetivo (SIMMEL, 2005, p. 580).

O “disciplinamento” do tempo implica um esforço de ordenamento das próprias vivências do moderno nas cidades. Coordenando um amplo organismo societário, tomado pela complexa diferenciação de interesses e formas de vida que coabitam o espaço urbano, o tempo supra-individual das cidades orchestra a própria aparência caótica dos deslocamentos e transitoriedades do urbano. Por assim dizer, ele é o pano de fundo do sem-número de estímulos das interações, produzindo importantes implicações na própria personalidade do indivíduo. Simmel (2005, p. 581), inclusive, sublinha a formação do *blasé* no ambiente urbano, afirmando que

A essência do caráter *blasé* é o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos parvos, mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos. Elas aparecem ao *blasé* em uma tonalidade acinzentada e baça, e não vale a pena preferir umas em relação às outras. Essa disposição anímica é o reflexo subjetivo fiel da economia monetária completamente difusa.

A citação acima é ilustrativa da maneira pela qual o autor reflete sobre o social: a partir de “microanálises”, Simmel busca surpreender um processo social mais amplo, interligando, por exemplo, a figura do dinheiro e do caráter (o *blasé*) a partir de formas sociais específicas de interação no espaço urbano (mediadas por determinações como a exatidão, a

<sup>9</sup> Convém, inclusive, um questionamento sobre o modo como, em Simmel, o próprio jogo da “sociabilidade” (*Geselligkeit*) como escape da sisudez e do cálculo da moderna vida urbana, permanece, de certa forma, intermediado pelo controle social do tempo.

mensuração das coisas, a exatidão etc.) – na interrelação de todas essas dimensões, o autor busca as formas da vida. Afinal, os mais profundos fluxos anímicos (*seelische Strömungen*) que permeiam o indivíduo devem ser buscados justamente a partir das mais singelas aparências da “superfície” (*Oberfläche*) da vida. O aparente gosto pelo excêntrico (*blasé*, olfato, audição, ruas etc.), pois, permite uma indagação do moderno a partir das próprias objetivações das vivências, que explodem diante dos olhos indicando passagens possíveis para a compreensão das interações e relações sociais.

O *blasé*, além de mera disposição do “caráter” ou da “vida anímica”, ilustra uma espécie de acomodação aos conteúdos e formas da vida por meio de uma renúncia à completa reação a todos os estímulos da grande cidade. Situação aprofundada pelo próprio dinheiro: “na medida em que o dinheiro compensa de modo igual toda a pluralidade das coisas [...], ele se torna o mais terrível nivelador, ele corrói irremediavelmente o núcleo das coisas, sua peculiaridade, seu valor específico, sua incomparabilidade” (SIMMEL, 2005, p. 581). A vivência do moderno nas grandes cidades implica uma perda qualitativa na valoração das coisas. As formas de experimentação da vida social (mediadas, mensuradas e racionalizadas pelo dinheiro) constroem um espaço de indistinção em que as coisas (e suas qualidades/peculiaridades) são niveladas pelo “valor de troca”.

Preocupado com o “caráter” (o *blasé*) e com as mediações mais palpáveis das vivências sociais modernas (o dinheiro, por exemplo), Simmel não se distancia da linha geral do ensaio, que consiste na indagação mais ampla sobre a posição da “individualidade” na moderna vida urbana. Como, afinal, o indivíduo

conseguiria afirmar as características específicas/peculiares (*Eigenart*) de sua *existência no mundo* a partir das situações construídas pela cidade moderna? Nesse sentido, outra forma de conservação da existência nos aglomerados modernos pode ser discutida por meio da chamada “reserva” (*Reserviertheit*). Segundo Simmel (2005),

Se o contato exterior constante com incontáveis seres humanos devesse ser respondido com tantas quantas reações interiores [...] então os habitantes da cidade grande estariam completamente atomizados interiormente e cairiam em um estado anímico completamente inimaginável. Em parte por conta dessa situação psicológica, em parte em virtude do direito à desconfiança que temos perante os elementos da vida na cidade grande, que passam por nós em um contato fugaz, somos coagidos àquela reserva, em virtude da qual mal conhecemos os vizinhos que temos por muitos anos e que nos faz freqüentemente parecer, ao habitante da cidade pequena, como frios e sem ânimo.

Além da própria “indiferença”, a interiorização do sentimento de reserva implica a estranheza (*Fremdheit*) e a própria repulsa em relação ao conjunto. Preocupação central no nascente campo da sociologia de seu tempo, Simmel dedicou-se também a detidas análises sobre as formas e modalidades de “coesão” entre indivíduos em sociedades altamente complexas e industrializadas. Publicando em francês no célebre *Année Sociologique*, de Durkheim, Simmel analisa a manutenção/manutenção (*maintenir*) das formas sociais em sociedades industriais: o tema sugere alguns ecos da discussão sociológica mais ampla sobre a coesão social e o “funcionalismo” durkheimiano, mas a demarcação teórica

do autor alemão assinala um caminho bastante singular – a sociologia, então, deve prescindir de uma posição finalista para analisar, sobretudo, as formas pelas quais os homens permanecem unidos (*les uns à côté des autres*) e em reciprocidade de ação (*les uns pour les autres*). Se a unicidade dos laços sociais poderia ser preservada por meio de diversos elementos (território, fisiologia, relações de parentesco), o horizonte da própria sociedade (como instância totalizadora das conquistas, forças e experiências individuais) permanece acima das existências particulares. Não se trata, bem entendido, de uma sobreposição da vida coletiva sobre o individual: trata-se, antes, de um intrincado processo de liberação do próprio indivíduo contra as forças e formas de coação e fixação típicas de comunidades e cidades pequenas: afinal, “na medida em que o grupo cresce — numericamente, espacialmente, em significação e em conteúdos de vida —, então justamente afrouxa-se a sua unidade interior imediata; [...] no grupo que agora cresceu, o indivíduo ganha liberdade de movimento para muito além da delimitação inicial” (SIMMEL, 2005, p. 584):

Assim como na época feudal o homem “livre” era aquele que estava sob o direito comum, isto é, sob o direito do maior círculo social, mas não era livre quem extraía seu direito apenas do círculo restrito de uma corporação feudal, sob a exclusão daquele outro — assim ocorre hoje, em um sentido mais refinado e espiritualizado, com o habitante da cidade grande, que é “livre” em contraposição às miudezas e prejuízos que limitam o habitante da cidade pequena. Pois a reserva e indiferença mútuas, as condições espirituais de vida dos círculos maiores, nunca foram sentidas tão fortemente, no que diz

respeito ao seu resultado para a independência do indivíduo, do que na densa multidão da cidade grande, porque a estreiteza e proximidade corporal tornam verdadeiramente explícita a distância espiritual (SIMMEL, 2005, p. 585).

Toda essa discussão sobre as formas de interação nas sociedades modernas remetem, em boa medida, ao próprio contexto intelectual de formação da sociologia alemã, sugerindo um interessante paralelo, por exemplo, com as categorias de um Tönnies (1887, p. 22), que pensava o conjunto maior da sociabilidade na polaridade “comunidade” (*Gemeinschaft*) e “sociedade” (*Gesellschaft*). O raciocínio de Tönnies implicava desdobrar, sobre a própria formalização das duas concepções socializadoras, os conteúdos de vinculação dos homens na vida coletiva: *grosso modo*, à estrutura mais orgânica regida pelos hábitos e costumes de uma comunidade, Tönnies opunha as dinâmicas de sociedade, que estruturavam as sociabilidades humanas sobre o mundo das grandes cidades industriais (cosmopolitismo, espaço público, efemeridade e deslocamentos, vida financeira, multidões etc.). Ao passo que Tönnies buscou a passagem da estrutura de comunidade para a vida em sociedade (e a afirmação do moderno) a partir de pressupostos internos (“psíquicos”) que orientariam as formas de socialização (tematizando, por exemplo, o problema da uma vontade individual ou “arbitrária” — *Kürwille* — em detrimento da cooperatividade de uma vontade coletiva ou comunitária), Simmel enfatizou a construção das modernas sociedades urbanas a partir das próprias dinâmicas de interação social da cidade grande como formalizações de vivências e estilizações da vida.

Para Simmel, como enfatizou João Carlos Tedesco (2007), a abordagem do moderno situa-se justamente na correlação de diversas formas pelas quais as interações sociais são compreendidas (massificação, pontualidade, exatidão, dinheiro, anonimato, racionalização, impessoalidade etc.) como formas de produção da individualidade. A análise do moderno nas grandes cidades, nesse sentido, implica uma relação entre a interioridade do indivíduo e a explosão de estímulos e interações externas construídas no meio urbano. Como a vida urbana, o moderno não é compreendido como um estado ou uma substância, mas como um intrincado jogo de passagens que, desenhando formas e processos de vivências (mediados pela fugacidade, velocidade, “fragmentariedade” e multiplicidade de interações e imagens), efetivam-se no turbilhão da atualização de suas próprias possibilidades.

#### Referências

- BENJAMIN, Walter. Paris, die Hauptstadt des XIX. Jahrhunderts. In: BENJAMIN, Walter. **Illuminationen: ausgewählte Schriften I**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.
- BORCH, Christian. Between destructiveness and vitalism: Simmel's Sociology of crowds. **Conserveries mémorielles**, Québec, n. 8, 2010. Disponível em: <<http://cm.revues.org/744>>. Acesso em: 20 jul. 2013.
- COHN, Gabriel. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998.
- DAHRENDORF, Ralf. **As classes e seus conflitos na sociedade industrial**. Brasília, DF: Editora UnB, 1982.
- FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- JAWORSKI, Gary. Simmel in early American Sociology. **International Journal of Politics, Culture, and Society**, Berlin, v. 8, 1995.
- LASH, Scott. Lebenssoziologie: Georg Simmel en la era de la información. **Estudios Sociológicos**, México DF, v. 21, n. 3, 2003. (trad. Marco Estrada Saavedra). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59806301>>. Acesso em: 20 out. 2012.
- MAKROPOULOS, Michael. Modernität als Kontingenzkultur: Konturen eines Konzepts. **Poetik und Hermeneutik**, München, v. 17, 1998.
- SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005. (trad. Leopoldo Waizbort). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2013.
- \_\_\_\_\_. Comment les formes sociales se maintiennent. **Année Sociologique**, Paris, 1898.
- \_\_\_\_\_. Die Großstädte und das Geistesleben. **Jahrbuch der Gehe-Stiftung Dresden**, Dresden, v. 9, 1903.
- \_\_\_\_\_. **Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung**. Berlin: Duncker, 1908.
- TEDESCO, João Carlos. Georg Simmel e as ambigüidades da modernidade. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93843106>>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- TÖNNIES, Ferdinand. **Gemeinschaft und Gesellschaft: Abhandlung des Communismus und des Socialismus als empirischer Culturformen**. Leipzig: Fues, 1887.
- TRUC, Gerome. Simmel, sociologue du cosmopolitisme. **Tumultes**, Paris, n. 24, 2005.
- VANDENBERGHE, Frederic. Simmel and Weber as ideal-typical founders of sociology. **Philosophy and Social Criticism**, London, v. 25, n. 4, 1999.
- WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- WIRTH, Louis. Urbanism as a way of life. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 44, n. 1, 1938.

Recebido em 2013-07-01  
Publicado em 2013-09-06